

---

## Os santos públicos: Uma etnografia visual de afro-religiões e espaços públicos em Caruaru, Pernambuco

---

Hugo Wesley<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente recorte de uma pesquisa de campo iniciada a pouco menos de um ano e meio debruça-se sobre aquilo que entendo por um “vir a público”. Acompanhando os povos de terreiro de Caruaru a presente exposição tem por objetivo apresentar uma pequena mostra das manifestações religiosas afro-ameríndias que acontecem na cidade. Candomblé, Jurema, Quimbanda, Umbanda e Catimbó são algumas das religiões que acontecem nos mais de 120 terreiros espalhados pela cidade. Mais do que fotografar o rito em seu momento litúrgico/privado, me interessa aqui mostrar como a religião e seus agentes humanos (e mais que humanos) vem à público, como as pessoas se portam, como o amaci é carregado, como nós, humanos, acompanhamos os orixás, guias e mestres, e, sobretudo, que imagem de si essas pessoas gostariam de passar para que assim elas possam ser lembradas.

**Palavras chave:** Fotografia; etnografia visual; religiões afro-ameríndias; candomblé; antropologia

As religiões afro-ameríndias vem à público, mas nunca sem um propósito. Parte do calendário de comemorações públicas de Caruaru, agreste de Pernambuco, as intervenções urbanas organizadas junto às comunidades religiosas afro-ameríndias (em especial o Candomblé, Umbanda e Jurema Sagrada) formam hoje uma série de eventos cujas práticas mesclam religiões, entretenimento e participação política. Esses eventos são realizados pela comunidade afro-religiosa local, tendo por agentes de mediação a comissão inter-religiosa chamada “Associação dos Povos de Terreiro de Caruaru”(APTC), estes dizem respeito a celebrações ritualizadas que acontecem em espaço público no centro da cidade, onde há uma maior movimentação de pessoas.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestre em comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Membro do Observatório de Cultura, Religiosidades e Emoções e Núcleo de Estudos Críticos de Feminismos, Gênero, Consumo e Capitalismo (FEGECCAP). Bolsista FACEPE. hugo.wesley2@gmail.com

O presente ensaio visual diz respeito a um recorte de minhas pesquisas de graduação (Silva, 2022) e parte de meu doutoramento, e visa, aqui, mostrar como os ritos afro-ameríndios criado por essa comunidade saem da esfera privada e se apresentam publicamente diante de uma plateia secularizada (Rodrigues, 2014). Partindo, então, da compreensão que tanto os sujeitos não pertencentes às comunidades afro-religiosas quanto os povos de terreiros produzem uma presença pública para a religião (Casanova, 1994), ligando a ações conscientes do desejo pela recordação imagética e intervenções políticas (Martins, 2008; Collier Jr., 1973).

É importante ressaltar que a comunidade afro-religiosa de Caruaru apresenta singulares dinamismos quanto a seu culto (Silva, 2022; Silva 2023). Um mesmo terreiro abriga e pratica religiões distintas, mas complementares entre si, isto é, chama a atenção que ao longo do presente ensaio visual que é possível ver as mesmas pessoas nos encontros de Jurema Sagrada, Quimbanda e Candomblé e isso não acarreta nenhum tipo de prejuízo ao sujeito ou mesmo ao terreiro. Tratam-se não apenas de uma forma de tornar pública as relações estabelecidas com o terreiro e as religiões, mas de legitimar esse hibridismo vivido junto ao sagrado.

Ao longo do presente ensaio visual pode-se ver fotografias dos seguintes eventos: Roda de Jurema; Águas de oxalá e Roda de pretos velhos. Fotografias estas feitas ao longo dos anos de 2022 e 2023. Chama a atenção que as fotografias aqui expostas foram escolhidas por meus interlocutores. Em uma gostosa brincadeira de quem capta quem, eu, enquanto pesquisador, sou convidado a fazer as fotos, mas, no fim do processo são eles quem escolhem as que mais gostaram e é com elas que eles gostam de ser lembrados. Uma vez escolhidas as melhores memórias, compete a mim criar uma narrativa com elas, tal qual é vista aqui, na presente exposição. Trata-se, portanto, de uma brincadeira bastante conhecida na antropologia visual, criada por Mead e Bateson (in. Freire, 2006), mas que segue sendo uma experiência ainda hoje muito apreciada por nós.

### **Referências Bibliográficas**

CASANOVA, José. 1994. *Public religions in the modern world*. Chicago: University Chicago Press.

COLLIER JR, John. 1973. *Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

FREIRE, Marcius. 2006. *Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em Balinese Character. A Photographic Analysis*. ALCEU, v.7. n.13:60-72.

MARTINS, José de Souza. 2008. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Editora Contexto; 2 ed.

RODRIGUES, Michelle Gonçalves. 2014. *Da invisibilidade à visibilidade da Jurema: a religião como potencialidade política*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Hugo Wesley Oliveira. 2022. *Os santos e o público: etnografia visual da roda de preto velho de Caruaru, Pernambuco*. Recife, 117 : il., tab.

\_\_\_\_\_. *De Padrinho a juremeiro: breve percurso histórico da Jurema Sagrada em Caruaru*. 2023. Revista PATRIMÔNIO e Memória, v. 19, n. 1:65-82.

---

---